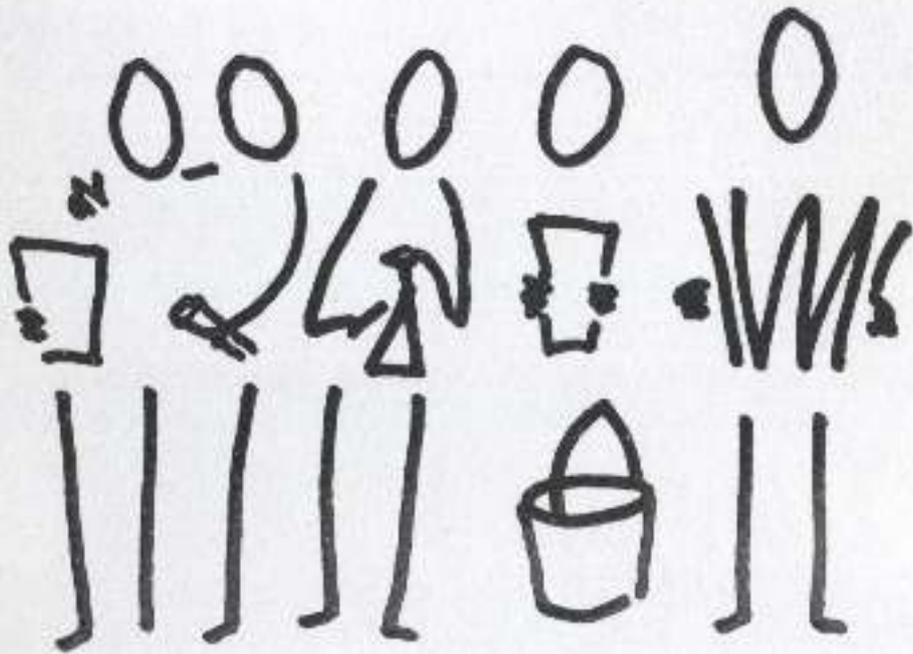


A. M. CRISTIANO CEROL



NATAL ALGARVIO

Janeiras tradicionais
do Algarve

(recolhidas no Pincho - Bensafirim)

Janeiras eram, segundo a tradição, os presentes de Ano Bom, trocados em família no primeiro dia do ano. Com o tempo, à porta das casas mais abastadas começaram a chegar também pequenos grupos de gente pobre, trazendo versos com votos de bom início de ano, na mira de receber, em paga, alguns géneros alimentícios com que pudessem alegrar as suas mesas, ainda antes de acabar a quadra de Natal.

Criado depois o hábito de se juntar a família, para a ceia do dia 31 de Dezembro, de modo a estar a *festa* no auge no momento de entrar o Ano Novo, os grupos de *Janeireiros*, ou *Joldas*, passaram a cantar as *Janeiras* na noite da véspera do Dia de Ano Bom, pois é quando estão as mesas fartas e os convivas alegres que a esmola pode ser mais gorda.

Os *cantares de Janeiras* dividem-se, por isso, em três partes: uma primeira quadra em que é pedida licença para cantar, o cantar propriamente dito, descrevendo o nascimento do Deus Menino e acabando com o pedido de esmola e, por fim, o agradecimento ou a *chacota*, elogiosa ou não, conforme a dádiva.

Até há uns vinte anos, a tradição de cantar as *Janeiras* foi fielmente mantida, organizando-se grandes grupos de cantadores e de instrumentistas, que visitavam as casas mais abastadas e, a partir dos anos sessenta, também os estabelecimentos hoteleiros.

As filhós, os figos, o grão, os bolos e outras ofertas, por vezes retirados da própria mesa e imediatamente guardados nas bolsas ou nos cestos dos cantadores, passaram a ser substituídos por algum dinheiro, principalmente nas casas da cidade e aos grupos de crianças. Depois, ou porque a esmola era cada vez menor, ou porque os costumes se vão perdendo, quase desapareceu por completo o hábito de cantar as *Janeiras* (1).

Em Bensafirim, porém, ainda se formam, todos os anos, duas ou três *Joldas*, sempre com as mesmas pessoas, já de certa idade, a que por vezes também se juntam filhos e netos (2). E assim se tem mantido esta tradição (3).

Janeiras

Cá dizem que Santa Justa
é irmã de S. Mateus (4)
Falar bem pouco nos custa
Boa noite nos dê Deus

Recordai nobre senhora (5)
Que é tempo de recordar
Quer ouvir umas boas novas
Que eu trago para vos dar?

Estas novas que vos trago (6)
São novas de alegria:

Já nasceu o Deus Menino,
Filho da Virgem Maria! (7)

Não quis nascer em palácio,
nem numa cama dourada,
Ele foi nascer em Belém,
Numa pobre alpendorada. (8)

Das palhinhas fez encosto,
das paredes abrigada
onde dormia o boi bento (9)
e a mula amaldiçoada.

Deus te amaldiçoe ó mula,
que não tenhas cria nenhuma;
se alguma cria tiveres,
dela não tenhas ventura.

Deus te abençoe ó boi,
pelas terras que lavrares
lavres serros ou lavres vales,
sejam terras de dar pão:
cada bago dê mil bagos,
cada mil dê um milhão. (10)

Esta noite é de Janeiras, (11)
é de grandes merecimentos,
por ser a noite primeira,
é que Deus passou tormentos. (12)

Os tormentos que Deus passou
Foi porque Ele os quis passar;
suas carnes Lhe cortaram,
suas carnes deixou cortar. (13)

Seu bento sangue se derramou
por cima do bento altar,
uma toalha em nove dobras (14)
e Seu sangue sem estancar.

Três pingas no chão caíram,
a Virgem as foi apanhar.
Da primeira fez o pão
para a hóstia consagrar,

da segunda fez o vinho
para o cálice bento comungar,
a outra que sobejou
repartiu pela cristandade. (15)

Acabei minha oração (16)

não vos posso mais cantar. (17)

Se eu tive algum erro,
me queira desculpar.

Ora dai, senhora dai, (18)

Que esta noite todos dão,
se não puder dar esmola,
também se aceita o perdão. (19)

Senhora que estais lá dentro,
Deixai-vos estar que estais bem
Mandai dar-nos a esmola, (20)

pela rosa que aí tendes. (21)

Essa rosa que aí tendes, (22)

dê-lhe toda a estimação,
que a roseira que deu essa (23)
dará outra, sim ou não.

Quem tão boa esmola deu
dada de tão boa mão.
lá de Deus terá o pago
e da Virgem a salvação.

(24)

Ficai-vos com Deus senhores
que eu com Deus me vou também.
Deus queira que nos vejamos
lá no Reino da Glória, amém.

Ficai-vos com Deus senhores
que eu com Deus me vou andando,
a Virgem fica convosco,
anjinhos nos vão guiando.

Notas

- (1) Ao dedicar o presente ano à recolha, estudo e divulgação de tradições locais do Algarve, seria natural começar por trazer a público a primeira das manifestações populares que preenchem o nosso calendário: *as janeiras*.

Da pesquisa feita na zona de intervenção da Vicentina - Associação para Protecção e Desenvolvimento do Algarve Sudoeste e com o seu apoio, resultou o presente trabalho, cuja edição ficou a dever-se à Delegação Regional do Algarve da Secretaria de Estado da Cultura, tal como já acontecera com o segundo volume desta colecção.

- (2) As Janeiras aqui apresentadas são cantadas por Manuel João Barbudo, janeireiro residente em Bensafrim e carteiro em Lagos e foram recolhidas, no Pincho, por José Herculano Laranjeiro, director da associação Vicentina.

Manuel Barbudo aprendeu estas Janeiras com sua avó, Elisa Guerreiro, há mais de trinta anos. Lembra-se de que as rimas tinham sido conferidas pelo Padre Glória, que foi prior em Bensafrim. Mantidas a letra e a música por tradição oral, ao tempo, lavavam quase um mês a treinar. Formavam-se naquela freguesia mais de 30 joldas, que começavam, em despique, no Café Bago d'Uva e depois partiam pelas casas fora. Primeiro na aldeia e depois pelas Alfambras, Espinhaço de Cão, Pincho e Vale da Vinha. Iam de carro ou de motorizada e, por vezes, juntavam-se 5 ou 6 grupos à espera que o que chegou primeiro cantasse.

- (3) A tradição de cantar as Janeiras tem-se mantido em certas famílias, sendo o solista ou *principiador* sempre o mesmo e podendo variar os outros dois ou mais elementos da jolda.

Hoje as *janeiras* são cantadas mais por tradição. Mas dantes, como relata J. Fernandes Mascarenhas (in "As Festas de Natal, Ano Bom e Reis no Algarve", 1965), "os pobrezinhos que não podiam *fregir*, iam de porta em porta, como ainda hoje um pouco, com o Menino Jesus dentro de uma cestinha tecida de ripas de cana, pedindo que, em Seu nome, lhe dessem alguma coisa".

(4) Santa Justa e sua irmã Rufina vendiam púcaros de barro e, com os ganhos, sustentavam-se e aos mais pobres da sua terra. Foram martirizadas, cerca do ano 287, em Sevilha, onde ainda hoje lhes é prestado grande culto. O seu dia litúrgico é a 19 de Julho. É padroeira de uma freguesia de Lisboa.

S. Mateus foi cobrador de impostos e tornou-se apóstolo de Jesus e evangelista. O seu dia litúrgico é a 21 de Setembro. Um outro S. Mateus, celebrado pela Igreja em 12 de Novembro, morreu na Polónia em 1003 e foi um dos seus cinco padroeiros (com Bento, Isaac, Tiago e Cristiano).

Não há qualquer relação entre Santa Justa e qualquer S. Mateus, nem qualquer deles nos aparece ligado à quadra do Natal.

A referência a dois santos logo no início destas Janeiras, por certo se deve ao facto do povo se ter habituado a ouvir os padres citarem diversos santos, para dar mais ênfase à mensagem que pretendem transmitir nas homilias. Quanto aos nomes dos santos escolhidos, terão servido principalmente para facilitar a rima.

(5) Ataíde de Oliveira, num artigo publicado em Junho de 1901 no nº 6 da revista "A Tradição", de Serpa, ao falar do Natal, Ano Bom e Reis, em Loulé, explica:

"Ao escurecer a noite da véspera de *Ano Bom* começam a aparecer pelas ruas da vila diversos grupos de crianças e pessoas adultas, que se distribuem pelas portas das casas pertencentes às pessoas mais abastadas e aí se põem a cantar o *Deus Menino* e a pedir esmola em seu louvor".

É, pois, natural que os janeireiros comecem por elogiar a dona da casa, tratando-a por "nobre senhora", já que o objectivo final é receber uma boa esmola.

(6) Os grupos de *Janeireiros* entroncam na tradição dos trovadores, que percorriam os campos, as aldeias e as casas senhoriais, levando as "novas".

(7) Ataíde de Oliveira, no seu "Romanceiro e Cancioneiro do Algarve" (Porto, 1905, pág. 146), apresenta a extensa oração cantada "Noite de Natal" (parte da qual repetiu na "Monografia de Estoi", em 1914) que começa com a seguinte quadra:

Cantemos, vamos cantar
Cheios de santa alegria,
Que nasceu o Deus Menino
Filho da Virgem Maria.

Nas igrejas algarvias, designadamente em Bensafirim, é costume cantar:

Alegrem-se os Céus e a Terra
cantemos com alegria,
Já nasceu o Deus Menino
Filho da Virgem Maria.

Como se vê, a partir da última palavra do segundo verso (alegria) a quadra é coincidente nas várias versões.

- (8) No "Romanceiro e Cancioneiro do Algarve", os cantares alusivos à quadra estão divididos em três *orações* chamadas "Noite de Natal", "Janeiras" e "Cantigas de Reis", seguindo Ataíde de Oliveira a mesma sequência usada no seu artigo publicado em "A Tradição".
Na primeira daquelas orações, relatam o último verso da terceira quadra e o primeiro da quarta que "o desejado Messias" "nasceu em pobre arramada".

- (9) Reza a tradição que, enquanto a mula soprava arrefecendo o Menino, o boi bafejava, aquecendo-O. Trata-se de uma crença, nascida para explicar a esterilidade das mulas, assim atribuída a uma maldição. Em contrapartida, o boi, tão pachorrento e tão útil ao homem na dura faina da lavoura, acabou por ganhar uma bênção por um acto que provavelmente não praticou.

Nas primeiras representações de um *Presépio* (palavra que significa *mangedoura* e, por extensão, *alpendrada*), datadas do séc III, apenas aparece o burrinho. Só alguns séculos mais tarde, a vaquinha e os pastores surgem a enquadrar o Menino, a Virgem e S. José. O burro terá sido usado no transporte até Belém e, segundo a tradição, terá continuado a acompanhar a Sagrada Família, inclusivamente na fuga.

- (10) Na oração "Noite de Natal", recolhida por Ataíde de Oliveira, as

três dezenas de quadras que se seguem às quatro iniciais (onde se descreve "que nasceu o Deus Menino") são um hino de louvor "O meu Menino Jesus" e, por certo, foram introduzidas lentamente, acrescentadas pela imaginação de quem as cantava. Repartem-se entre as ofertas que os pastores levaram ao Menino e as súplicas que Lhe fizeram.

Nestas Janeiras recolhidas no Pincho, esta parte relativa à recordação do Presépio acaba precisamente com a bênção ao boi e a maldição à mula, as duas figuras com mais directa relação com os janeireiros, já que com eles partilham as tarefas rurais do dia a dia.

- (11) Fernando Lopes Graça (citado pelo Padre José Pedro Martins no estudo "Natal Algarvio", editado pelo GEA, no Natal de 1977), recolheu na freguesia de Alferce umas "Janeiras" em que a primeira quadra é idêntica à que a tradição manteve no Pincho:

Esta noite é de Janeiras
E é de grandes merecimentos,
Por ser a noite primeira
Passou Deus tantos tormentos.

Na recolha de Ataíde de Oliveira ("Janeiras" publicadas no seu Romanceiro), embora o sentido seja o mesmo, as palavras e as frases são ligeiramente diferentes:

Esta noite é d' Ano Bom,
É noite de mer'cimentos,
Por ser a primeira noite
Que Jesus sofreu tormentos.

- (12) Nas "Janeiras" de Ataíde de Oliveira, os tormentos "foram eles tantos, tantos" e preenchem quase todo o pequeno cântico. E já na sua "Noite de Natal", o Menino sofrera:

sem mantas nem cobertores
em uma noite tão fria.

- (13) Estes quatro versos são iguais aos da segunda quadra das Janeiras recolhidas por Lopes Graça em Alferce. As terceira e quarta quadras dessas Janeiras explicam:

Seu sangue lhe derramaram,
Seu sangue *dixou derramare*.
Essas três pingas de sangue,
Quem nas pudesse *alcançare*.

Da *primeira* fez o pão,
Oh, que sagrado *manjare!*
E as outras que lhe ficaram
É p'ra nós todos *salvare*.

Por sua vez, nas Janeiras recolhidas por Ataíde Oliveira, em Loulé e em Estoi, a segunda quadra e a estrofe seguinte, assim descrevem os tormentos que Jesus sofreu:

Foram eles tantos, tantos,
Que até a carne lhe cortaram;
O menino ficou f'rido,
Pingas de sangue tiraram.

Foram três pingos de sangue,
Não nas deixem apanhar,
Que uma é para o pãozinho,
Outra é par'o jantar,
E das três a que sobrar
Essa é par'o Deus Menino.

Esta *oração* acabava com a seguinte quadra, que o povo de Alferce também veio a acrescentar às suas Janeiras:

As janeiras não se cantam
Mas nós vimol'as cantar,
Pedindo anos melhorados
E longa vida gozar.

- (14) As nove dobras da toalha têm o significado místico das novenas.
- (15) Estas Janeiras, cantadas na serra do Espinhaço de Cão, estão mais elaboradas na identificação das três pingas de sangue com o Mistério da Consagração. Vê-se que estas duas quadras foram

escritas ou corrigidas por pessoa erudita (talvez o próprio padre Glória), embora o povo, num excesso de devoção, tenha acrescentado a palavra "bento" ao cálice — como antes, em "bento sangue" e "bento altar" — estragando a métrica.

(16) Aqui se identificam as Janeiras como uma *oração*, tal como Ataíde de Oliveira as havia incluído no capítulo "Orações" do seu *Romanceiro*.

(17) Este sentido de "oração", que leva o povo do Sotavento a dizer que "as janeiras não se cantam", mantém-se nos dois textos. Basta comparar o segundo verso das duas quadras:

"Mas nós vimol'as cantar", nas Janeiras de Alferce,
"não vos posso mais cantar", nas de Bensafirim.

(18) Esta parte, que poderemos chamar de "peditório" é comum às Janeiras e aos Cantares de Reis. Ataíde de Oliveira explica, no seu *Romanceiro e Cancioneiro do Algarve* que "tanto na véspera e dia do *Ano Bom* como na véspera e *dia de Reis* há o costume dos descantes, à noite, em que muitos grupos de crianças de ambos os sexos e ainda de pessoas adultas vão dar as boas festas às pessoas mais abastadas. Chegam à porta e entoam as cantigas próprias da ocasião ... acomodadas à esperança de receber".

(19) Em Lagos, na cidade, as Janeiras cantadas pelas crianças, não tinham mais que três ou quatro quadras. Começavam por "Esta noite é de Janeiras ..." e passavam logo para "Ora dai senhora dai...", a que geralmente se juntava:

Senhora que estais lá dentro,
raminho de salsa crua,
debaixo da tua cama
nasce o sol e põe-se a lua.

Recebida a esmola, agradeciam:

Muito obrigada, senhora
pela esmola que nos deste,
lá no Céu terás o pago ...

- (20) Glória Marreiros, no seu livro "Um Algarve Outro", relata que, em Monchique, as joldas cantavam a seguinte "quadra tradicional de pedir":

Já que Deus me fez tão pobre
saio esta noite a pedir
de casa de gente nobre
sem esmola não hei-de ir.

- (21) Em Estoi, cantava-se uma quadra idêntica, diferente apenas nos primeiro e último versos:

Senhora que está deitada
Deixe-se estar que está bem,
Mande dar-nos a esmola
P'la criada que aí tem.

- (22) Tal como explica Ataíde de Oliveira, na "Monografia de Estoi", "nem sempre os cantores conseguem o óbulo por eles desejado; e então repetem-se as chamadas *chacotas*, versos com que tentam comover os donos da casa".

Aqui, a *roseira* é a dona da casa e a *rosa* é a filha, galanteios que, por certo, serão bem recebidos. Se era um filho, dizaim *cravo*.

Fora da quadra de Natal, Abel Viana ("Para o Cancioneiro Popular Algarvio", Lisboa, 1956) recolheu nas Romeiras, lugar da serra perto do Pincho, a seguinte quadra:

A roseira da igreja
Dá rosas no altar mora
A honra da rapariga
Está no rapaz que a namora.

- (23) Ataíde de Oliveira, no seu "Romanceiro", na parte dedicada às *chacotas* (quadras finais das *Janeiras* e dos *Reis*, cantadas pelos grupos "acomodados à esperança de receber a esmola ou quando a perdem de receber"), inclui a seguinte quadra:

Esta casa é bela casa
É casa de um lavrador:

A mulher é mui formosa
E a filha é uma flor.

- (24) Uma outra quadra das mesmas *chacotas* chega a idêntico voto, mas por caminho diferente:

Esta casa é bem branquinha
É talhadinha ao picão,
À gente que nela mora
Deus lhe dê a salvação.

Se, pelo contrário, a *esmoia* tivesse sido negada, então a quadra teria significado completamente diferente desta e da quadra anterior. São ofendidas a casa, a sua dona e até a própria filha, apesar de não ter culpa da sagorrice dos pais:

Esta casa não é casa
É casa d'algum 'scrivão,
Tem a mulher bexigosa,
A filha como um tição.

Bibliografia

- Cerol, A. M. Cristiano, "Natal Algarvio e a tradição em Lagos", GEA Grupo de Estudos Algarvios, Lagos 1993
- Marreiros, Glória, "Um Algarve Outro - contado de boca em boca", Livros Horizonte, Lisboa 1991
- Martins, Pe. José Pedro de Jesus, "Natal Algarvio", GEA Grupo de Estudos Algarvios, Lagos 1977
- Mascarenhas, J. Fernandes, "As Festas do Natal, Ano Bom e Reis no Algarve (subsídios de etnografia e folclore)", Tavira 1965
- Oliveira, Francisco Xavier d'Athaíde, "Festas populares — Natal, Ano Bom, Reis", in "A Tradição", Serpa 1901
- Oliveira, Francisco Xavier d'Athaíde, "Romanceiro e Cancioneiro do Algarve", Typographia Universal, Porto 1905
- Oliveira, Francisco Xavier d'Athaíde, "Monografia de Estoi", Companhia Portuguesa Editora, Porto 1914
- Rosa, José António Pinheiro e, "As Janeiras", in "O Algarve", 13/1/1952
- Soares, Pe. António, "Cantemos Todos", Editorial Missões, Cucujães 1981
- Viana, Abel, "Para o Cancioneiro Popular Algarvio", separata da *Revista Portugal*, ed. Álvaro Pinto, Lisboa 1956
- "A Tradição", Serpa, Ano III, nº 6, Junho 1901
- "Lagos Informação", nº 1, C.M.Lagos, Jan 1993

Do Autor:

- Algarve, guia turístico, 1969
- Mapa das Estradas do Algarve, 1970
- Algarve 73, roteiro turístico
- Portimão, a Freguesia, a Casa e o Homem, 1981
- Caricaturas de José Higinio Amado da Cunha, 1988
- Estrada do Biker, 1991
- Trabalhos de José Vieira Cabrita, 1992
- Natal Algarvio e a tradição em Lagos, 1992
- Estudos Gonçalinos em Lagos, 1993
- Janeiras tradicionais do Algarve, 1994

Arranjo gráfico e capa: Cristiano Cerol

Impressão: Damas & Vicente, Lda., Artes Gráficas Offset, Lagos

Edição: GEA - Grupo de Estudos Algarvios,
com o apoio da Delegação Regional do Algarve
da Secretaria de Estado da Cultura

Tiragem: 1.000 exemplares

Janeiro/1994

ISBN 972-8077-01-7

Depósito legal nº 73511/93

CDU - 398 (469.6)

© A. M. Cristiano Cerol

NATAL ALGARVIO

1. *Natal Algarvio*, Padre José Pedro de Jesus Martins, 1977
2. *Natal Algarvio e a tradição em Lagos*, A. M. Cristiano Cerol, 1992
3. *Janeiras tradicionais do Algarve (recolhidas no Pincho - Bensafirim)*,
A. M. Cristiano Cerol, 1994



GRUPO DE ESTUDOS ALGARVIOS